

PREFÁCIO

Alguns leitores da Bíblia recuam diante do livro de Juízes. Afinal de contas, é um livro repleto de violência e parece não ser muito edificante em termos espirituais. Se Hollywood adaptasse o livro para o cinema, é provável que o filme seria liberado apenas para adultos por causa de suas cenas de mutilação, sacrifícios de crianças e estupros, sem falar da carnificina que aparece em cada página. Mas o livro se encontra na Bíblia por um bom motivo. Ele ilustra o grau de corrupção da natureza humana e o quanto uma sociedade pode cair quando se distancia de Deus e de seus padrões morais. De um ponto de vista mais positivo, vemos, em meio ao caos moral representado no livro, um Deus paciente e misericordioso, que disciplina e preserva o povo de sua aliança.

Para mim, a pregação é muito importante, e escrevi este comentário pensando em pastores e professores. Uma exposição correta e relevante da Bíblia precisa responder a três perguntas importantes: 1) O que o texto significava em seu antigo contexto israelita? 2) Quais são os princípios teológicos que emergem ou são ilustrados por uma análise temática do texto? 3) Em que sentido a mensagem do texto é relevante para a Igreja? Neste comentário, procuro responder a essas perguntas por meio de uma abordagem que abarca três passos: 1) Começo com uma minuciosa leitura exegético-literária do texto, que revela a ênfase temática de cada unidade literária maior. Essa análise nos rende uma noção exegética para cada unidade, que sucintamente capta a mensagem daquela unidade em seu contexto histórico-cultural. 2) Em seguida, ultrapasso os limites do texto específico a ser estudado e desenvolvo uma ideia teológica para cada unidade literária. Esses pensamentos teológicos expressam os princípios ou verdades duradouras que estão arraigados no texto e que

são relevantes para um público moderno. 3) Por fim, eu desenvolvo trajetos homiléticos a partir do pensamento teológico da passagem. Esses trajetos partem dos pontos de vista temáticos que refletem a mensagem geral do livro de Juízes. Seguir esses trajetos nos permite produzir uma ou mais ideias de pregação para cada unidade literária. Se este processo for executado com habilidade e esperteza, o público será capaz de reconhecer como o texto antigo fornece os princípios e como ele, o público “tanto individual quanto coletivamente”, pode e deve adotar os princípios em sua própria experiência e na vida da Igreja.

O comentário inclui minha própria tradução do livro. A tradução representa uma versão levemente revisada daquela que elaborei para a NET Bible. Quero agradecer a Bible.org e a seu diretor executivo Michael Garrett pela permissão de usar o trabalho que fiz para a NET Bible. No comentário, apresento a tradução num formato que o leitor talvez ache estranho. No entanto, creio que essa estrutura seja útil, pois reflete a estrutura das orações do texto hebraico original e nos permite reconhecer a forma do texto imaginada pelo autor. Diferencio entre os três elementos principais da narrativa: 1) cláusulas principais, 2) cláusulas periféricas (em negrito) e 3) citações (ou fala direta). Todas as orações *mainline* e *offline* dentro da estrutura narrativa são classificadas. Orações dentro de citações não são analisadas; as citações são simplesmente destacadas por meio de letras itálicas. Explicarei o método de categorização com mais detalhes na Introdução a Juízes.

Em sua maior parte, o comentário se apoia no texto hebraico tradicional. Com algumas exceções notáveis, não interajo com as diversas versões, nem forneço uma extensa análise crítica do texto. Para quem estiver interessado nesse tipo de análise, recomendo obras mais técnicas, como o comentário WBC, de Trent Butler.

Optei pelo emprego de um método teológico-literário que é sensível às estratégias e técnicas literárias do autor e que procura identificar a mensagem teológica do texto. Decidi não empregar métodos diacrônicos especulativos que tendem a isolar supostas fontes e reconstruir a suposta evolução do texto. Visto que não nos encontramos numa posição de retrair a evolução literária do livro com alguma medida de certeza, prefiro me concentrar na forma canônica do livro e tentar entender suas diversas partes dentro dessa estrutura literária. Creio que o livro, ao ser

analisado em sua forma canônica, é uma obra homogênea. Esse tipo de abordagem é melhor do que métodos diacrônicos, porque lida com o texto na forma em que ele se apresenta a nós e, conseqüentemente, não se expõe tanto ao tipo de caprichos especulativos que entulham a história da alta crítica bíblica. As histórias individuais podem ter tido sua função específica em contextos geográficos e temporais definidos, mas nós não temos como reconstruir esses contextos. Do modo como estão, as histórias fazem parte de uma entidade maior. O livro apresenta uma compleição antológica, mas não é puramente antológico. A presença da estrutura formulada na seção central do livro gera, no mínimo, a aparência de um enredo geral. Além do mais, como críticas sincrônicas têm demonstrado, a sequência das histórias tem uma função estratégica, e determinados temas surgem e se desenvolvem, vinculando-os uns aos outros. Apesar de justapostas, as histórias são tematicamente integradas. Como os quadros numa ala temática de uma galeria de artes, elas ilustram temas e contribuem para a intenção e mensagem geral do livro.

Ao apresentar minhas conclusões interpretativas, interajo com outros comentários que um pastor ou professor possa estar consultando. Na verdade, em minha introdução ao livro de Juízes, forneço uma lista e uma avaliação sucinta dos comentários mais úteis. Ciente de que um pastor ocupado nem sempre tem acesso fácil à literatura periódica, interagi também com muitos estudos especializados sobre Juízes. No entanto, concluí a maior parte dos meus estudos em 2010, quando enviei o comentário para a editora. Conseqüentemente, aqueles que se mantêm atualizados sobre a pesquisa de Juízes perceberão que não menciono os estudos mais recentes. A omissão mais notável talvez seja o excelente comentário de Barry Webb sobre Juízes, da série NICOT. Felizmente, tive oportunidade de estudar e me beneficiar das obras mais antigas de Webb sobre Juízes.

Quero agradecer a várias pessoas por sua ajuda e encorajamento. Ao longo dos últimos trinta anos, lecionei sobre o livro de Juízes no Dallas Theological Seminary e tirei grande proveito dos comentários e argumentos apresentados por dezenas de estudantes. Ofereço meus agradecimentos especiais ao meu primeiro assistente de pesquisas, Brian Leicht, que fez pesquisas bibliográficas para o livro de Juízes, e ao meu ex-estudante Greg Wong, que publicou muitos artigos sobre

Juízes. Ao longo dos últimos anos, eu e Greg mantivemos um diálogo contínuo sobre a interpretação desse livro. Quero expressar minha gratidão também a David Howard, que organizou o comentário. A crítica construtiva de David, as perguntas penetrantes e seus conhecimentos valiosos aumentaram consideravelmente a qualidade do meu trabalho. Quero agradecer também ao meu amigo Jim Weaver, ex-colaborador da editora Kregel Academic, por seu encorajamento ao longo dos anos e por sua dedicação e seu empenho no esforço de tornar este comentário útil para os pastores. Obrigado também a Dennis Hillman e Paul Hillman, da editora Kregel Academic, que acreditaram no projeto e o acompanharam até sua publicação. Agradeço especialmente à minha esposa Deb, ao meu filho Doug e à minha filha Stephanie por seu apoio moral e pela alegria que eles têm me dado. Cada um me agraciou com o tipo de amor incondicional e sacrificial que alegra o nosso Salvador. Por fim, devo todo o louvor àquele que nos libertou da escravidão do pecado por meio de seu amor sacrificial e sua obra expiatória.

Robert Chisholm
Setembro de 2013